

NOVA CRÔNICA – 5*

Tem nestes últimos dias aparecido, nos jornais de maior circulação, muitos artiguinhos de diversos autores, que pedem ao público o especial favor de suspender o juízo até certo ou incerto dia; dando cada qual, como pretexto do pedido, o fato de ter sido caluniado pelo Sr. Fulano ou pelo Sr. Beltrano. Os *apedidistas* (não se diz noticiarista, de Noticiário; localista, de Locais; folhetinista, de Folhetim? Pois eu faço *apedidista*, de “a-pedido”).¹ os apedidistas não tinham grande urgência de requerer o que todos nós vamos fazendo, graças ao carnaval: todos *suspendem o juízo*.

*
* *

Todos, menos o ilustre poeta Barreto Bastos.² Se tal milagre se operasse, passava-me com toda a mobília para o arraial dos crendeiros das cruzes do Andaraí,³ que são pouco mais ou menos como as de Barcelos;⁴ e mandava ao calvíssimo S. Pedro o pente de Alphonse Karr.⁵

*
* *

Le mal de la peur,⁶ é o título de uma pequena comédia francesa, que eu vi quando rapaz. O medo é uma doença curiosa; ataca as pernas, as costas e os olhos. As pernas ou

* A edição desta crônica foi preparada a partir de SI (nº 480, p. 3838, 20 fev. 1870). As abreviaturas utilizadas nesta edição encontram-se ao final do texto editado. Editor: Ivo Korytowski.

¹ Ver nota 9 da primeira crônica da coluna (p. 34).

² Poeta muito citado na imprensa da época, segundo o jornal em língua francesa BA-TA-CLAN (edição 112 de 1869) “*le courtier fabricant de vers qui croit avoir causé par ses publications la chute du ministère Zaccarias*” (“o cortesão fabricante de versos que crê ter provocado, com suas publicações, a queda do ministério Zacarias”).

³ Andaraí,] Andaraí. – em SI.

⁴ Alusão à feira e festa das cruzes da cidade histórica portuguesa de Barcelos. Suponho que no bairro carioca do Andaraí ocorresse uma festa semelhante, mas não encontrei referências a ela.

⁵ O francês Alphonse Karr (1808-1890) foi o criador da revista satírica *Les Guêpes* (*As Vespas*), que inspirou a coluna “Vespas Americanas”, escrita por Machado de Assis sob o pseudônimo Gil para a *Semana Ilustrada*, em 5 e 19 de junho de 1864. Inéditas em livro, as duas crônicas foram publicadas na *Machadiana Eletrônica*, v. 8, n. 16 (2025).

⁶ *Le mal de la peur: comédie-vaudeville en un acte* (*O mal do medo: comédia-vaudeville em um ato*), vários autores, publicada em 1855 por Michel Lévy frères, Libraires-éditeurs.

tremem, ou correm. Lá diz o rifão: quem tem costas tem medo. Os olhos vêm fantasmas de todas as cores; exceto agora, no Rio de Janeiro, onde os fantasmas são de uma só cor. Isto é o naturalíssimo resultado da situação política: o governo, que é vermelho, tem forçosamente visões amarelas. Daí nasceu a epidemia reinante. Se amanhã subirem os liberais, começa o povo a adoecer de câimbras de sangue, porque a visão ministerial será rubra.⁷

*
* *

E destarte se prova cabalmente a ligação íntima, o laço misterioso que prende os governados aos governantes. É *le mal de la peur*: o medo do ditado: “atrás virá...”⁸

*
* *

A visão da atualidade é portanto da cor das libras esterlinas. Notem que digo *a visão da cor*; não nos atrevemos já, míseros! a ter a *visão do ouro*.

Hoje em dia não há indigestão, cólica, enxaqueca, ou hemorroida que não seja amarela.

*
* *

O Sr. Brás Hill⁹ sentiu-se um destes dias algo incomodado. Tem este cavalheiro muitos pais, mas todos em viagem, *terra marique*,¹⁰ e não tem mãe; em compensação tem um padraсто, chamado Minos Tério;¹¹ bom padraсто que pôs à cabeceira do enfermo um exército de médicos. Estabeleceu-se o diálogo. Os doutores falavam em coro, como no teatro antigo.

DOUTORES. – Que sente?

ENFERMO. – Uma indigestão.

DOUTORES. – Mau!

ENFERMO. – Comi um tubarão ensopado, com molho de tomates, e salada;¹² bebi vinho, e tomei café.

⁷ Na época a política estava polarizada entre conservadores ou saquaremas, e liberais ou luzias, que se revezavam no ministério. Os primeiros eram os vermelhos e os segundos, os amarelos. No jornal *A Reforma* de 22/2/1870 lemos (na primeira coluna, sob o título “Comunicam-nos da Paraíba do Sul”): “Desde muito que um grupo de conservadores ou de vermelhos intolerantes, representado na câmara, desejava tirar o pão a este pai de família honesto, somente por ser liberal [...]”. Quando Machado escreveu esta coluna, estava no poder o 2º Gabinete Itaboraí, conservador. Ver “Gabinete do Império do Brasil” na Wikipédia.

⁸ Possível alusão ao ditado português: “Atrás de mim virá quem, de mim, bom fará”.

⁹ Atente-se para a pronúncia: Brasil.

¹⁰ Expressão latina que significa “por terra e mar”.

¹¹ Atente-se para o trocadilho: Ministério.

¹² salada;] sailada; – em SI.

DOUTORES. – É da cor, não há que ver.

ENFERMO. – De qual cor?

DOUTORES. – Amarela.

ENFERMO. – O quê? a salada? Era verde. O vinho era tinto, o café escuro, os tomates vermelhos, o peixe branco. A indigestão...

DOUTORES. – É amarela, não há dúvida.

ENFERMO. Mas, senhores! como é que já podem saber a cor da indigestão, antes de...

Aqui foi o diálogo interrompido pelo primeiro medicamento: óleo de Rícino. Quinze dias depois entrava o doente em convalescença; mas... recaiu.

Chegam os doutores.

– O que sente?

– Uma cólica.

– É amarela.

– Como assim? uma cólica ventosa! quem pode ver a cor do vento?

– Os ventos sopram amarelos para derrubarem os troncos vermelhos.¹³

*
* *

Um vizinho meu sofre de hemorroidas há mais de quarenta e cinco anos; o ataque é mensal e dura ordinariamente vinte dias; folga dez. O remédio é conhecido, e infalivelmente aplicado; agora porém, o homem usa dos óculos da época, e pareceu-lhe que o seu ataque era amarelo; mandou chamar o médico.

DOUTOR. – Então que é isso?

DOENTE. – Estou com a bicha.

DOUTOR. – A solitária?

DOENTE. – Não, senhor; a amarela.

DOUTOR. – E o que sente? Dor de cabeça?

DOENTE. – Não, senhor.

DOUTOR. – Dores nas pernas?

DOENTE. – Não, senhor.

DOUTOR. – Dores no ventre?

DOENTE. – Não, senhor.

DOUTOR. – Tem sede?

DOENTE. – Não, senhor.

DOUTOR. – O que sente, pois?

¹³ Outra alusão aos liberais e conservadores.

DOENTE. – Dor nas cadeiras.

DOUTOR. – Ah! então mande chamar o marceneiro.

*
* *

Em um hotel. Duas mesas contíguas. À primeira um médico, à segunda um *quidam*.¹⁴ Entra outro.

– Como vais, pergunta o recém-chegado.

– Mal, responde o *quidam*; fatigado de trabalhar, doente...

– Assim é; o tempo não está para quem trabalha; está para os médicos.

– E para os parvos, acrescenta o Esculápio,¹⁵ em tom de rude epigrama.

– Está entendido, Sr. doutor; eu detesto os pleonasmos.

SILENO.

Abreviaturas utilizadas nesta edição

SI – *Semana Ilustrada*.

Referências

ASSIS, Machado de [Sileno]. Nova crônica. *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, nº 480, p. 3838, 20 fev. 1870.

¹⁴ Indivíduo sem importância ou de quem se ignora o nome (Dicionário Priberam).

¹⁵ Aesculapius em latim, ou Asclépio em grego, foi o deus da medicina. Como substantivo comum, “Esculápio” tem o sentido de “médico”.